



**INSTITUTO
FEDERAL**
Piauí

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS CORRENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

KEUBE PINHEIRO DE SOUZA

**MATEMÁTICA FINANCEIRA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O SUCESSO DO
MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL NO MERCADO ATUAL**

CORRENTE

2025

KEUBE PINHEIRO DE SOUZA

MATEMÁTICA FINANCEIRA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O SUCESSO DO
MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL NO MERCADO ATUAL

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de Licenciatura em
Matemática do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Corrente.

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo S. de Maria

CORRENTE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Souza, Keube Pinheiro de

S729m Matemática Financeira e sua contribuição para o sucesso do microempreendedor individual no mercado atual / Keube Pinheiro de Souza. - 2025.

31 p.: il. p&b.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Corrente, 2025. Orientador : Prof Me. Carlos Eduardo S. de Maria.

1. Matemática - estudo e ensino. 2. Educação financeira. 3. Empreendedor individual - MEI. 4. Matemática financeira. I. Título.

CDD - 510

Elaborado por Tefischer Huanderson Soares e Sousa CRB 3/1251

“A vitória está reservada para aqueles
que estão disposto a pagar o preço”
(Sun Tzu)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças para enfrentar mais esse desafio. Foi ele quem me sustentou nos momentos de cansaço, incerteza e medo, especialmente nas noites mal dormidas, em que a exaustão quase me fez desistir.

À minha família, meu alicerce e meu porto seguro, sou imensamente grato. Obrigado pelo amor, paciência e pelo apoio em todos os momentos. Cada palavra de incentivo e cada gesto de cuidado foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Esse trabalho é fruto de muita dedicação, renúncias e superação, mas também de fé e do carinho das pessoas que estiveram ao meu lado. A todos vocês, minha eterna gratidão.

O que prevemos raramente ocorre; o que
menos esperamos geralmente acontece.

Benjamin Disraeli

RESUMO

O presente trabalho analisa a importância da matemática financeira e sua contribuição para o sucesso do microempreendedor individual no mercado atual, destacando como o domínio de conceitos elementares contribui significativamente para a organização e sustentabilidade dos pequenos negócios. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamenta-se em estudos de caso e referências teóricas atuais, com o objetivo de investigar como os MEIs aplicam, compreendem e utilizam ferramentas financeiras no cotidiano empresarial. A metodologia empregada incluiu a análise de publicações científicas entre 2020 e 2024, permitindo uma síntese crítica dos fatores que influenciam a gestão financeira desses empreendedores. Os resultados revelam que a maioria dos MEIs inicia sua jornada por necessidade e sem preparo formal, o que os torna vulneráveis à instabilidade econômica. A ausência de educação financeira formal e o desconhecimento sobre conceitos como fluxo de caixa, capital de giro e controle de estoque são apontados como causas frequentes de falência precoce. O trabalho também ressalta a necessidade de políticas públicas voltadas à capacitação contínua dos MEIs, promovendo uma cultura de gestão baseada em conhecimento, disciplina e organização.

Palavras-chaves: educação financeira; microempreendedor individual; matemática financeira.

ABSTRACT

This study analyzes the importance of financial mathematics and its contribution to the success of the individual microentrepreneur in the current market, highlighting how mastering elementary concepts significantly contributes to the organization and sustainability of small businesses. The research, qualitative and bibliographic in nature, is based on case studies and current theoretical references, aiming to investigate how MEIs apply, understand, and use financial tools in their business routines. The methodology involved the analysis of scientific publications from 2020 to 2024, enabling a critical synthesis of the factors that influence the financial management of these entrepreneurs. The results reveal that most MEIs start their businesses out of necessity and without formal preparation, which makes them vulnerable to economic instability. The lack of formal financial education and unfamiliarity with concepts such as cash flow, working capital, and inventory control are frequently cited as causes of early business failure. The research also highlights the need for public policies aimed at the continuous training of MEIs, promoting a management culture based on knowledge, discipline, and organization.

Keywords: financial education; individual microentrepreneur; financial mathematics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Tipos de Microempreendedores Individuais.....	18
Quadro 2	- Principais Ferramentas da Gestão Financeira.....	27
Quadro 3	- Estudos Seleccionados: Objetivos e Conclusões.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MEI	Microempreendedor Individual
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SciELO	Scientific Electronic Library Online
ES	Espírito Santo
PE	Pernambuco
SP	São Paulo
PA	Pará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SENAC	Serviço de Nacional de Aprendizagem Comercial

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL (MEIs)	16
2.1	TIPOS DE MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEIs).....	18
2.2	PRINCIPAIS RAZÕES QUE IMPACTAM NA CONTINUIDADE OU ENCERRAMENTO DOS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEIs)	19
3	A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA OS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEIs)	23
3.1	GESTÃO FINANCEIRA.....	24
3.1.1	PRINCIPAIS FERRAMENTAS UTILIZADAS NA GESTÃO FINANCEIRA.....	27
4	METODOLOGIA.....	29
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A matemática financeira básica é uma ferramenta essencial para a gestão eficiente dos recursos financeiros, especialmente no contexto dos Microempreendedores Individuais (MEIs), que desempenham um papel fundamental na economia brasileira. Este trabalho se insere no campo teórico da educação financeira e da gestão empresarial, explorando como o domínio de conceitos contribui para a estabilidade e o crescimento dos negócios desses empreendedores. A pesquisa está fundamentada em estudos de autores como Gitman (2004), que destaca a importância do fluxo de caixa, e na perspectiva da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), que define educação financeira como um processo contínuo para a tomada de decisões conscientes. Além disso, o referencial teórico aborda os desafios enfrentados pelos MEIs, como a falta de planejamento e a concorrência acirrada, temas discutidos por Ferreira (2012) e Cezariano (2006), evidenciando a necessidade de capacitação nessa área.

O objetivo geral deste estudo consiste em investigar como os conceitos de Matemática Financeira podem ser aplicados no gerenciamento do cotidiano do Microempreendedor Individual (MEI). Dessa forma, busca-se examinar o nível de conhecimento desses empreendedores em matemática financeira, identificar os principais problemas financeiros que afetam seus negócios e verificar como esse conhecimento pode melhorar a gestão financeira. Logo, a pesquisa adotará uma abordagem bibliográfica e qualitativa, analisando trabalhos acadêmicos que abordam como esse conhecimento pode auxiliar nas práticas laborais do Microempreendedor.

A relevância deste trabalho está no papel econômico e social dos MEIs, que representam uma parcela significativa da economia brasileira, conforme dados do SEBRAE. Esses empreendedores são agentes importantes para a geração de emprego e renda, mas enfrentam altas taxas de falência devido à falta de planejamento e gestão financeira adequada. Ao investigar como a matemática financeira básica pode contribuir para a estabilidade desses negócios, esta pesquisa não apenas enriquece o debate acadêmico, mas também oferece subsídios práticos para auxiliar os MEIs a superar desafios e consolidar seus empreendimentos. Além disso, reforça a importância de políticas públicas e iniciativas de capacitação em educação financeira, destacando seu potencial como ferramenta de desenvolvimento econômico local e sustentabilidade empresarial.

Para uma compreensão sistematizada da pesquisa, o trabalho foi organizado em três capítulos inter-relacionados. O estudo examina, em um primeiro momento, o contexto do Microempreendedor Individual (MEI), destacando seu papel no fomento ao empreendedorismo de pequena escala, na geração de emprego e renda e na formalização de atividades econômicas. A análise inclui a Lei Complementar nº 128/2008, que regulamentou o MEI, apontando seus benefícios, como acesso a crédito e previdência social, mas também os desafios enfrentados, como custos trabalhistas e burocracia. Além disso, são apresentados os diferentes tipos de MEIs após a ampliação de atividades em 2022, abrangendo setores como comércio, serviços, alimentação e consultoria, evidenciando a diversificação possibilitada pela legislação.

Na sequência, o trabalho investiga os fatores que influenciam a continuidade ou o encerramento dos MEIs, identificando questões como falta de planejamento, concorrência acirrada, dificuldade de acesso a crédito e gestão inadequada. Com base em pesquisas do SEBRAE e contribuições de autores como Rattner (1984) e Cezariano (2006), demonstra-se que a alta taxa de mortalidade desses negócios está associada tanto a problemas internos, como a má administração, quanto a fatores externos, como a falta de políticas públicas eficientes. Esses elementos reforçam a necessidade de capacitação e suporte para a sobrevivência dos pequenos empreendimentos.

Na etapa final, o estudo ressalta a importância da educação financeira e da gestão eficiente para a sustentabilidade dos MEIs. A OCDE (2005) define a educação financeira como fundamental para decisões conscientes, abordando práticas como a separação entre finanças pessoais e empresariais. Complementarmente, são apresentadas ferramentas de gestão financeira, como orçamento, análise de indicadores e controle de estoque, que auxiliam na tomada de decisões estratégicas. Esses recursos são essenciais para garantir a longevidade dos negócios, permitindo que os microempreendedores enfrentem os desafios do mercado com maior preparo e organização.

2 MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL (MEI)

De acordo com Hespanha (2010) nos últimos anos, tem sido dada uma grande importância à problemática do empreendedorismo de pequena escala devido, sobretudo, ao reconhecimento, pelas políticas públicas, do contributo da pequena iniciativa para o crescimento econômico, o emprego e a vitalidade da economia. Conforme destaca o autor o empreendedorismo de pequeno porte vem sendo amplamente valorizado devido à sua relevância na estimulação do progresso econômico. As medidas governamentais têm reconhecido que as iniciativas de menor escala têm o potencial de impulsionar a economia, promovendo a criação de empregos e estimulando o empreendedorismo.

Conforme também afirma o autor, o microempreendedorismo em geral é concebido como uma especificação do conceito de empreendedorismo reportado às situações de pequeníssima escala. Segundo o autor, embora seja possível que todas as características do empreendedorismo, como criação de valor, inovação, busca por oportunidades e habilidades de gestão e risco, estejam presentes no micro empreendedorismo, na prática isso nem sempre ocorre. Muitos negócios criados por indivíduos isolados ou pequenos empreendimentos coletivos não atendem a todos esses requisitos.

Segundo Santos e Freitas (2012) a Lei Complementar nº 128, de 19 de Dezembro de 2008 foi promulgada com o objetivo de beneficiar tanto os microempreendedores individuais quanto a economia brasileira em geral, ao permitir a formalização legal desses profissionais. Através desse processo, eles passam a ter direitos importantes, como se tornar segurados do INSS, ter acesso a crédito, participar de licitações públicas e negociar com outras empresas de forma transparente, sem a preocupação com a atuação do fisco, já que estão operando dentro da legalidade. É sem dúvida um grande passo para que amanhã, esses microempreendedores se tornem sócios de uma microempresa e isso se torne um círculo de crescimento econômico para as comunidades e para o Brasil.

Com a introdução dessa nova legislação, surgiu uma grande oportunidade de regularização de milhares de profissionais que hoje atuam na informalidade e o consequente aumento da arrecadação, e também deve implicar numa maior profissionalização desses empreendedores, que precisarão controlar melhor suas contas para medir a rentabilidade, a viabilidade e a continuidade do seu pequeno negócio.

Os resultados positivos da divulgação dos benefícios da formalização por meio do Microempreendedor Individual têm levado cada vez mais autônomos a enxergarem essa opção como uma oportunidade de crescimento em seus negócios, garantindo maior segurança. Para Lopes (2012), a Lei Complementar nº128, de 19 de Dezembro de 2008 possibilitou uma grande facilitação à legalização dos empresários que exerciam suas atividades de forma autônoma ou mesmo ambulante.

No entanto, o sistema não avançou em questões fundamentais para a sua aplicabilidade eficaz, como a falta de consideração da renda bruta no cálculo do limite anual para enquadramento. Portanto, tomar ações nesse sentido pode trazer dificuldades para os empresários que optarem pelo sistema de formalização, especialmente aqueles que precisam arcar com o pagamento de aluguel de um espaço comercial ou têm obrigações decorrentes da contratação de um único funcionário. Julião (2014) afirma que tudo sem levar em conta as despesas necessárias para o próprio desenvolvimento da atividade.

Tiryaki (2008) avalia que alguns estudos atribuem a informalidade aos altos custos trabalhistas, à cobrança de impostos, à burocracia e à corrupção governamental. Em resumo, a autora destaca que a falta de formalização nas empresas ocorre por diversos motivos. Um deles é os altos custos trabalhistas, que muitas vezes dificultam e impendem a adaptação das empresas às leis trabalhistas, ela também destaca outros motivos como a alta cobrança de impostos e à burocracia, que dificultam ainda mais o trabalho dos MEIs e das empresas de pequeno porte.

De acordo com Silveira e Teixeira (2011, p. 226) “existem vários fatores que desestimulam os pequenos empreendimentos a se formalizarem, tais como: alto custo da legalização, a falta de informações, baixa capacidade para arcar com os custos de impostos”. Nesse sentido, Doellinger (2006, p. 27) destaca que “o informal está nesta condição porque foi empurrado. Ele está ali para sobreviver; não tem como pagar esses impostos. Se for obrigado, pode ir à falência porque não vai conseguir competir”. Diante desse cenário, é essencial que os microempreendedores individuais busquem capacitação, planejamento, acesso a crédito e apoio para sobreviverem em um mercado cada vez mais competitivo.

2.1 EXEMPLOS DE MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEIs)

Em 2025, o rol de atividades permitidas ao Microempreendedor Individual (MEI) passou por significativas atualizações, incorporando novas modalidades profissionais elegíveis para essa categoria de formalização. Diante dessa reestruturação normativa, torna-se imperativo que profissionais autônomos, antes de iniciarem seu processo de formalização, realizem uma análise criteriosa das ocupações autorizadas, a fim de assegurar seu enquadramento legal adequado. Dentre as possibilidades de atividades permitidas ao MEI em 2025, o site iDinheiro destaca cabeleireiros, pedreiros, vendedor de alimentos, vendedor de acessórios, vendedor de produtos de beleza, produção em madeira, entre outros, conforme exposto no Quadro 1.

Quadro 1: Tipos de Microempreendedores Individuais

Atividade	Descrição
Cabeleireiros	Profissionais que oferecem serviços de corte, penteado e tratamentos capilares.
Pedreiros	Trabalhadores que executam serviços de construção e reparo de estruturas.
Vendedor de alimentos	Comerciantes que atuam na venda de alimentos, como mercadinhos, lojas de alimentos e lanchonetes.
Vendedores de acessórios	Comerciantes que vendem acessórios pessoais, como bijuterias, bolsas, e outros itens.
Vendedores de produtos de beleza	Comerciantes especializados em cosméticos e itens de cuidados pessoais.
Produção em madeira	Profissionais que fabricam produtos de madeira, como moveis ou decorações,

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em iDinheiro (2025). Disponível em: <https://www.idinheiro.com.br/negocios/atividades-mei/>. Acesso em 24 maio 2025

Essa ampliação dos tipos de MEIs possibilitou que empreendedores de diversos setores pudessem se formalizar e usufruir dos benefícios oferecidos pela categoria, contribuindo assim para o desenvolvimento do empreendedorismo e fortalecimento do ambiente de negócios no país. Considerando os aspectos discutidos, a formalização como Microempreendedor Individual configura-se como alternativa vantajosa para diversos profissionais autônomos, oferecendo benefícios concretos. A experiência demonstra que, quando aliada a boas práticas de gestão, essa modalidade pode ser determinante para a sustentabilidade e crescimento dos pequenos negócios no país.

2.2 PRINCIPAIS RAZÕES QUE IMPACTAM NA CONTINUIDADE OU ENCERRAMENTO DOS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEIs).

Compreender as razões pelas quais os pequenos negócios prosperam ou encerram suas atividades não é tão simples como se pode imaginar. Não há uma abordagem metodológica consensual para explorar esse tema, uma vez que há inúmeros fatores que podem levar ao fechamento desses empreendimentos. Essas razões variam desde as transformações ocorridas no sistema capitalista até o contexto empreendedor, além de fatores internos e externos intrínsecos a cada empresa. Para Silvia (2008) é de extrema necessidade os estudos que tragam informações sobre as causas das altas taxas de mortalidades desses pequenos negócios.

Os Microempreendedores Individuais estão inseridos em um ambiente que se assemelha à livre concorrência. Segundo Sandroni (1999), esse conceito refere-se a um sistema de iniciativa privada no qual as empresas competem em condições igualitárias. Nesse contexto, os preços de mercado são determinados perfeitamente pela interação das forças de oferta e demanda, sem que compradores ou vendedores isolados exerçam uma influência predominante. Essa situação evidencia a importância de um ambiente competitivo saudável, no qual as empresas possam buscar sua sustentabilidade por meio de modelos de negócios inovadores e estratégias eficientes.

De acordo com Ferreira (2012), a concorrência é um fator determinante para a sobrevivência ou o fechamento prematuro de empresas. É notável que aquelas que são adequadamente planejadas possuem maiores chances de se manterem no mercado. Isso ressalta a importância da matemática financeira básica e um planejamento estratégico eficiente, que permita às empresas enfrentarem a competitividade de maneira mais assertiva e adaptável. A capacidade de se antecipar às mudanças, identificar oportunidades e estabelecer estratégias diferenciadas é essencial para se destacar em meio a um ambiente empresarial cada vez mais dinâmico e competitivo.

Segundo Rattner (1984), a pequena empresa desempenha um papel fundamental essencial dentro do circuito de acumulação das grandes empresas. Ele descreve como a empresa consegue sobreviver nesse contexto, afirmando:

A difusão desigual do progresso técnico, entre e dentro dos diferentes ramos industriais, nas empresas de tamanho e potencial diferentes, determina as relações de complementaridade e/ou dependência entre essas unidades e permite, assim, contrabalançar a tendência ao desaparecimento das PME, que passam a girar ao redor das grandes empresas (satelização), refletindo claramente um "dualismo" tecnológico e uma relação de dominação- subordinação. (Rattner, 1984, p. 99)

Segundo Cezariano (2006), as pequenas organizações enfrentam uma série de obstáculos, tanto internos quanto externos. Esses desafios podem surgir tanto no ambiente da própria empresa, como problemas de gestão, falta de recursos financeiros ou limitações de capacidade produtiva, quanto no mercado externo, com a concorrência acirrada, altas demandas por inovação e exigências cada vez maiores dos consumidores. Essas dificuldades representam uma realidade complexa e desafiadora para os pequenos negócios, que precisam superar tais obstáculos de forma estratégica e eficiente para garantir a sua sobrevivência e crescimento no mercado.

Os pequenos empreendedores enfrentam várias dificuldades para sobreviver, e é crucial conhecer quais são esses desafios como um primeiro passo para se preparar e enfrentar um mercado altamente competitivo. Diversos autores apresentam diferentes perspectivas sobre as causas da mortalidade dos pequenos negócios.

Para Guerra (2010), uma das principais razões para o fechamento dessas empresas é a dificuldade de acesso a crédito e a falta de conhecimento em relação às inovações tecnológicas. No Brasil, existe uma grande desmotivação para buscar financiamentos e empréstimos, já que a alta carga de juros dificulta o retorno financeiro e cria uma distorção prejudicial tanto para as empresas quanto para os consumidores.

Por sua vez, Cezariano (2006) destaca a má capacidade gerencial relacionada à administração familiar como um aspecto central para o encerramento dos pequenos negócios, assim como a dificuldade em construir patrimônio para o crescimento da empresa. Além disso, Guerra (2010) afirma que a maioria dessas empresas é formada por um único empresário, que acaba sendo responsável por todas as questões cotidianas do negócio, impossibilitando-o de estudar e aplicar métodos para o desenvolvimento da empresa.

Existem vários problemas que as pequenas empresas enfrentam no mercado brasileiro, seja por falta de conhecimento ou pela fragilidade das políticas governamentais em ajudá-las. Um estudo realizado pelo SEBRAE (2014) revela que a maioria das pessoas que abrem um pequeno negócio é do sexo masculino, com idade entre 25 e 39 anos. A maioria escolhe abrir negócios no setor de serviços e possui ensino médio completo.

Conforme Coelho (2002) os setores de comércio e serviços são os mais afetados pela mortalidade das empresas, principalmente as microempresas, seguidas das empresas de pequeno porte. De acordo com o estudo do SEBRAE (2014), as principais razões para abrir um negócio são para ter seu próprio negócio ou por oportunidades no mercado, e não por necessidade. Em relação aos recursos utilizados para iniciar o negócio, a pesquisa do SEBRAE (2014) mostra que 88% dos empreendedores utilizaram recursos da família ou recursos próprios. A maioria investiu de R\$ 5 mil e até R\$ 10 mil em capital de giro.

De acordo o SEBRAE (2014) as principais causas de mortalidade dos pequenos negócios estão relacionadas à falta de planejamento antecipado, logística organizacional e atuação empreendedora. Muitos empreendedores não fazem um levantamento adequado das informações necessárias para abrir o negócio, não realizam um planejamento de como a empresa irá operar, não procuram informações relevantes, não preparam medidas para o não desperdício e não definem o lucro esperado.

As causas de mortalidade acima são reconhecidas por Ferreira (2012, p. 818), quando diz:

Os empreendedores declararam que não realizaram planejamento porque confiam mais na experiência e na prática. Neste sentido, algumas frases se mostraram reveladoras: “o contador fazia tudo”, “não precisava planejar nem acompanhar nada”, “foi atrás de uma oportunidade”, “não se importa com isso”, “não acredita muito em planejamento, acredita mais na fé, na raça, na coragem e na intuição” e “agiu por impulso e não teve tempo de planejar”. Pode-se constatar que o empreendedor não age de maneira profissional em relação à empresa que criou e que não avalia apropriadamente os riscos e oportunidades inerentes ao negócio com antecedência. (Ferreira, 2012, p.118)

Segundo as análises de Ferreira (2012) ressalta a falta de planejamento adequado por parte dos empreendedores como uma das principais causas de mortalidade das pequenas empresas. Segundo o autor, muitos empreendedores confiam mais na experiência e na prática do que em um planejamento estruturado. Essa falta de planejamento fica evidente nas declarações dos empreendedores, que mencionam que o contador fazia tudo, que não precisavam planejar e acompanhar nada, e que agiram por impulso e não tiveram tempo de planejar.

Essas atitudes revelam uma abordagem amadora em relação à empresa, onde o empreendedor não age de maneira profissional e não avalia adequadamente os riscos e oportunidades do negócio com antecedência. Essa falta de planejamento pode resultar em decisões erradas e falta de direcionamento, levando ao fracasso do empreendimento.

Portanto, é essencial que os empreendedores reconheçam a importância do planejamento estratégico e organizacional para o sucesso da empresa. Isso envolve a realização de pesquisas de mercado, definição de metas claras, elaboração de planos de ação e monitoramento constante do desempenho do negócio.

3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA OS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEIs)

Segundo a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – OCDE (2005), a Educação Financeira pode ser compreendida como:

[...] o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram seu entendimento sobre os conceitos e os produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para conhecer melhor os riscos e as oportunidades financeiras, e assim tomarem decisões fundamentadas que contribuem para melhorar seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005, p.13).

A OCDE (2005) afirma que a educação financeira deve ser um processo contínuo e permanente devido à diversidade crescente do mercado financeiro, às mudanças constantes nas necessidades individuais ao longo da vida e à quantidade cada vez maior de informações complexas. A falta de conhecimento financeiro pode levar ao adiamento da formação de poupança previdenciária, à incapacidade de tomar decisões corretas de investimento, consumo e poupança, e ao aumento da insegurança em relação ao risco e ao retorno dos produtos de investimento.

Conforme Reis (2016) a educação financeira é essencial para todos os indivíduos, impactando na sua formação e no aperfeiçoamento dos seus conhecimentos, iniciando um novo método de solucionar problemas com a criação de projetos para cumprir metas e objetivos futuros. Em seus estudos também é exposto que a educação financeira é uma das soluções para uma sociedade mais sustentável, empreendedora e mais economicamente preparada.

A importância da educação financeira para o sucesso de qualquer empreendedor, incluindo os Microempreendedores Individuais (MEIs), é indiscutível. Não importa o tamanho do negócio, é essencial ter controle financeiro eficaz para garantir a sustentabilidade e o crescimento da empresa.

Um dos primeiros passos para a educação financeira é separar as finanças pessoais das finanças do negócio. Ter contas bancárias separadas e controlar os gastos e receitas de forma distinta é fundamental para evitar confusões e manter um controle preciso das finanças da empresa. É igualmente importante fazer um planejamento financeiro para o negócio. Isso envolve estabelecer metas financeiras tanto para faturamento quanto para gastos, e criar um plano de ação para alcançá-las. Um plano de negócios bem estruturado permitirá ter uma visão clara da situação do negócio e tomar decisões mais acertadas.

Em sintonia com um estudo conduzido com proprietários de pequenas empresas, Borin e Donadio (1998) afirmam que a falta de separação de contas pessoais e empresariais é um erro comum que leva a problemas financeiros e, conseqüentemente, à falência prematura de microempresas. Do mesmo modo, eles destacam que em empresas familiares e pequenas, é comum que o proprietário não tenha um salário definido e utilize recursos da empresa para gastos pessoais e domésticos, misturando assim as despesas empresariais e domésticas.

Além disso, é importante cuidar do fluxo de caixa da empresa. Ter um controle detalhado de todas as entradas e saídas de dinheiro permite identificar possíveis problemas, como a falta de capital de giro, e tomar medidas para resolvê-los. Um fluxo de caixa adequado é essencial para a gestão financeira e para tomar decisões estratégicas com base na saúde financeira do negócio. Outro ponto importante é criar uma reserva de emergência.

Ter uma quantia guardada para lidar com imprevistos, como queda nas vendas, problemas operacionais ou até mesmo questões pessoais, é fundamental para garantir a estabilidade financeira da empresa. Essa reserva deve ser separada do capital de giro e utilizada apenas em caso de extrema necessidade. Investir em conhecimento também é um aspecto relevante da educação financeira para MEIs. Buscar aprender sobre gestão financeira, controle de estoque, precificação e outros temas relevantes para o negócio permitirá tomar decisões mais embasadas e evitar erros que possam comprometer as finanças da empresa. Existem diferentes recursos disponíveis, como curso online, livros e consultorias especializadas, que podem auxiliar na educação financeira.

Conforme aos ditames de um estudo realizado por Bernheim, Garret e Maki (1997), que aplicou uma pesquisa aos consumidores que receberam educação financeira na escola, concluiu-se que esta medida contribui fortemente para que o indivíduo poupe e acumule riqueza na fase adulta. Além disso, a educação financeira pode ser considerada uma poderosa ferramenta para estimular a poupança pessoal e proporcionar crescimento pessoal.

3.1 GESTÃO FINANCEIRA

A gestão financeira tem se tornado cada vez mais crucial no contexto empresarial. Nesse sentido, a busca constante pelo aprimoramento do gestor financeiro é fundamental. Catelli (2001, p. 118) define “gestão como o processo de tomada de decisão, baseado em um conjunto de conceitos e princípios coerentes, com o objetivo de garantir o cumprimento da missão da empresa”.

De forma semelhante, Padoveze e Taranto (2009, p. 4) afirmam que “o processo de gestão consiste no ciclo sequencial das atividades administrativas de planejamento, execução e controle”. Uma gestão financeira adequada permitirá a utilização eficiente dos recursos disponíveis e, conseqüentemente, um bom desempenho da empresa. Tanto o planejamento quanto o controle das tarefas refletem as decisões econômicas dos gestores responsáveis, independentemente do porte da empresa. É importante destacar que um dos objetivos da gestão financeira é maximizar os resultados e tomar decisões eficientes, levando em consideração o aumento da riqueza e do capital da organização.

Conforme o Sebrae (2014, s.p.):

Gestão financeira é o conjunto das ações e procedimentos administrativos relacionados com o planejamento, execução, análise e controle das atividades financeiras do pequeno negócio. Em palavras simples: obter o melhor resultado - e o máximo de lucro - nas atividades da empresa.

Portanto, é fundamental que o empreendedor tenha pleno conhecimento de todas as etapas do processo financeiro de seu negócio, que engloba o planejamento, a definição de preços, a administração do capital de giro e o controle e análise do estoque. Sendo assim, é essencial compreender o significado do planejamento na gestão financeira, a razão pela qual não se deve misturar as finanças pessoais com as empresariais, a importância de registrar todas as movimentações financeiras, a definição de capital de giro e por que é crucial realizar o controle e análise de estoques. Todas essas questões serão abordadas com o intuito de demonstrar aos Microempreendedores Individuais a relevância da gestão financeira em seus pequenos negócios.

Planejamento financeiro é o processo de definir ações que orientarão as decisões na área financeira da empresa. Consiste em projetar as receitas, que são as entradas de dinheiro (como caixa, contas a receber, valores depositados na conta da empresa), e as despesas da empresa, que são os gastos a serem pagos (fornecedores, água, energia, aluguel, entre outros). De acordo com Conube (2021), os pontos importantes são: ter uma previsão de faturamento, estipular uma expectativa de gastos fixos, que são os gastos que permanecem constantes, mesmo com o aumento da produção e das vendas.

De acordo com a Conube (2020), no início do negócio, é comum que o empreendedor cometa o erro de misturar as finanças pessoais com as da empresa, um vez que está ainda não gerou receita suficiente para se sustentar. Para evitar essa situação, é fundamental elaborar um planejamento financeiro sólido. Recomenda-se que a empresa possua uma conta jurídica, mesmo que não haja uma legislação específica que obrigue isso, a fim de separar claramente a pessoa física do empreendedor da pessoa jurídica da empresa.

Registrar detalhadamente todas as movimentações financeiras da empresa é fundamental. O primeiro passo consiste em organizar e documentar todas as operações, registrando cada entrada e saída. É crucial para o empreendedor anotar a data de cada transação, o nome do cliente, o produto vendido, o valor, a forma de pagamento e confirmar se o pagamento foi realizado. Conforme Conube (2020), esses são aspectos básicos que requerem controle. Além disso, é imprescindível registrar todos os gastos e despesas da empresa de forma minuciosa, seguindo a mesma abordagem utilizada para as entradas de dinheiro. Essa prática viabiliza o adequado controle financeiro e, com as informações obtidas, permite a tomada de decisões cruciais para o sucesso do empreendimento.

O capital de giro refere-se à quantia de recursos financeiros que a empresa necessita ter em mãos a curto prazo para garantir a realização de suas atividades operacionais. Em conexão com essa abordagem, o site NEON (2024, s.p.), traz que “O capital de giro é um recurso em dinheiro que corresponde à soma de todos os gastos que a empresa possui para dar continuidade ao funcionamento do negócio”. Sendo assim, é crucial que esse montante esteja prontamente disponível, pois é essencial para cobrir todas as despesas essenciais relacionadas às operações da empresa. Em outras palavras, o capital de giro deve ser capaz de financiar todas as despesas mensais do negócio. Portanto, considerando a questão levantada, o capital de giro desempenha um papel fundamental na gestão financeira da empresa.

Para garantir a eficiência e a saúde financeira da empresa, é essencial realizar o controle e análise de estoques. Essas práticas permitem que o empreendedor acompanhe de perto os materiais armazenados, evitando tanto excesso de produtos quanto a falta de matéria-prima ao longo do período. De acordo o Blog Bling (2022, s.p.) diz que: “Através do estoque, as empresas de qualquer porte podem: monitorar o fluxo de entrada e saída de materiais ou produtos; controlar o armazenamento de matéria-prima para venda; gerenciar melhor o seu negócio e ter uma visão mais ampla”. Essa prática resulta em impactos positivos na gestão financeira do negócio, contribuindo para evitar desperdícios, reduzir custos de armazenamento e logística, e assegurar a prontidão em atender às demandas dos clientes de forma eficiente.

Logo, a gestão financeira proporciona o conhecimento dos processos, técnicas e ferramentas de gestão, com o principal objetivo de possibilitar o retorno dos recursos financeiros. É evidente que as contribuições da gestão financeira são de extrema importância para o gestor, pois ele poderá equilibrar as entradas e saídas de recursos, assim como escolher a ferramenta financeira que melhor se adapte às condições da empresa no desenvolvimento de suas atividades.

3.1.1. Principais Ferramentas utilizadas na Gestão Financeira

De acordo Kato (2012) existem diversas ferramentas de gestão que proporcionam o planejamento, controle e identificação de possíveis falhas nos processos. No entanto, muitas empresas de micro e pequeno porte não as utilizam devido à falta de experiência ou recursos financeiros, resultando em falhas de gerenciamento e desvios de recursos financeiros. Segundo Frezatti (2011, p. 28), uma ferramenta financeira é um “instrumento gerencial que apoia o processo decisório da organização, garantindo que ela esteja orientada para os resultados pretendidos”.

Quadro 2: Principais Ferramentas da Gestão Financeira

Ferramenta	Explicação
Fluxo de Caixa	Registra entradas e saídas de dinheiro e permite projetar receitas e despesas futuras.
Orçamento Empresarial	Planejamento das receitas e despesas da empresa para curto prazo, garantindo equilíbrio financeiro.
Análise Financeira	Avalia indicadores financeiros (rentabilidade, liquidez, endividamento) e compara com metas da empresa.
Análise Vertical e Horizontal	Compara balanços ao longo do tempo (horizontal) e mostra o peso de cada conta dentro do total (vertical).

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), com base em Silva (2011), Zdanpawicz (1995; 2001), Ross et al. (2008)

Essas ferramentas financeiras permitem entender a realidade da organização, avaliar sua saúde financeira e patrimonial, comparar seu desempenho com períodos anteriores e projetar novos horizontes. Também ajudam no controle dos acontecimentos financeiros e orientam na tomada de decisões diante de oportunidades e ameaças no ambiente econômico.

4 METODOLOGIA

O tipo de pesquisa adotada neste projeto será uma combinação de uma abordagem bibliográfica e qualitativa, por meio da análise de estudos de caso que abordem o uso de técnicas de matemática financeira aplicadas nas vivências de Microempreendedores Individuais.

Com relação à abordagem qualitativa, expõe que:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (Richardson, 1999, p. 80)

Além disso, Richardson (1999, p. 82) afirma que “[...] as pesquisas qualitativas de campo exploram particularmente as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que esses instrumentos penetram na complexidade de um problema”. Ao adotar uma abordagem qualitativa juntamente com um estudo bibliográfico, poderemos aprofundar nossa compreensão da importância da Matemática Financeira básica como ferramenta auxiliar na organização e planejamento das atividades do Microempreendedor Individual.

A abordagem bibliográfica é um elemento fundamental em qualquer trabalho acadêmico, pois sustenta a pesquisa com bases teóricas confiáveis e reconhecidos na área. Conforme destacou Gil (2019, p.45), “a revisão bibliográfica não apenas contextualiza o estudo, mas também evita a duplicação de esforços, ao demonstrar o que já foi produzido sobre o tema”. Nesse sentido, a seleção de referências qualificadas é essencial para embasar as discussões e análises propostas no trabalho.

Complementando essa perspectiva, Severino (2018, p. 32) ressalta que “a pesquisa bibliográfica não se limita à mera compilação de fontes, mas exige uma leitura crítica e seletiva, capaz de identificar as contribuições mais relevantes para o objeto de estudo”.

Para operacionalizar a pesquisa bibliográfica, foram consultadas plataformas acadêmicas de referência, como Google Acadêmico, Portal de Periódico da Capes, Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, SciELO e Education Resources Information Center (ERIC), com o objetivo de identificar teses, dissertações e TCCs que apresentem estudo de casos sobre a aplicação de matemática financeira na rotina dos Microempreendedores Individuais (MEIs). As estratégias de busca utilizaram os descritores “Microempreendedor Individual” AND “Matemática Financeira”, limitando os resultados a produções publicadas a partir de 2020, garantindo assim a atualidade das fontes analisadas.

Segundo Gil (2002, p. 141), evidencia-se que o estudo de caso é:

[...] é o mais completo de todos os delineamentos, pois vale-se tanto de dados de gente quanto de dados de papel. Com efeito, nos estudos de caso os dados podem ser obtidos mediante análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos.

Embora o estudo de caso, conforme descrito por Gil (2002), ofereça uma abordagem abrangente para a coleta e análise de dados, esta pesquisa adotara uma metodologia distinta. Ao invés de realizar novos estudos de caso, o trabalho focara na análise sistemática de pesquisas já concluídas que investigaram a aplicação de técnicas de matemática financeira na realidade dos MEIs. Como ressalta Yin (2015), a análise de estudos de casos já publicados constitui uma valiosa estratégia de pesquisa quando o objetivo é sintetizar conhecimentos e identificar lacunas na literatura existente.

Para atender os objetivos desta pesquisa, a seleção de trabalhos priorizar trabalhos que apresentem casos concretos e análises qualitativas sobre a relação de conhecimento matemático-financeiro e a realidade dos Microempreendedores Individuais (MEIs), buscando identificar tanto as potencialidades quanto os desafios encontrados na aplicação desses conceitos. Conforme recomendado por Sampaio e Mancini (2019), a seleção criteriosa de bases de dados e a definição de palavras-chave específicas são essenciais para assegurar a relevância do material coletado.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A matemática financeira frequentemente é percebida como um campo restrito a fórmulas e cálculos, mas sua aplicação prática vai muito além disso, especialmente quando consideramos a realidade dos Microempreendedores Individuais. Diversos trabalhos acadêmicos têm explorado essa disciplina sob diferentes perspectivas, demonstrando como ela se relaciona com aspectos comportamentais, gerenciais e estratégicos essenciais para a estabilidade dos pequenos negócios.

Alguns estudos, como o de Teixeira (2023), concentram-se nas aplicações tradicionais da matemática financeira, analisando principalmente juros, descontos e taxas de juros de séries de pagamentos por meio do método de Newton. Embora essa abordagem seja fundamental, ela frequentemente negligencia fatores subjetivos que influenciam as decisões financeiras dos MEIs. Outras pesquisas como a desenvolvida por Almeida (2019), avançam nessa discussão ao incorporar elementos das finanças comportamentais, demonstrando como vieses cognitivos e emocionais afetam a gestão financeira dos pequenos empreendedores.

O Quadro 2 apresenta os trabalhos selecionados para análise neste estudo, os quais foram criteriosamente escolhidos com base em critérios metodológicos específicos.

Quadro 3 – Estudos Selecionados: Objetivos e Conclusões

Autor	Título do Trabalho	Objetivos	Conclusão
Rafaela Amaral da Fonseca Samanta Baia de Souza Rodrigues	A Importância da Educação Financeira no Planejamento Empresarial para Microempreendedores: Estudo de casos com comerciantes de açaí	Tinha como principal objetivo entender como esses empreendedores administram seus empreendimentos e se utilizam (ou não) dos conhecimentos de gestão financeira para tomar decisões estratégicas e alcançar melhores resultados em seus negócios.	Concluiu-se que a maioria dos microempreendedores entrevistados não possui formação ou capacitação em educação financeira, baseando suas decisões apenas em conhecimentos empíricos herdados da tradição familiar.
José Geraldo Ferreira da Silva Vivian Hannah Mota de Andrade	Gestão Empresarial: um estudo sobre o Microempreendedor Individual do setor do comércio do município de São Mateus - ES	O objetivo foi traçar o perfil dos microempreendedores, identificando suas principais dificuldades na administração de seus negócios e entender como eles utilizam as instituições de apoio existentes no município	O estudo concluiu que os MEIs de São Mateus enfrentam diversas dificuldades de gestão, especialmente nas áreas de controle financeiro, planejamento e acesso ao crédito. Apesar de muitos conhecerem instituições como o SEBRAE, poucos utilizam seus serviços
Kevin Ferreira Corcino Franciele Alves da Silva Mário José de Oliveira Machado Thales Fabricio da Costa e Silva Joselito	Impacto da educação financeira na motivação empreendedora de micro e pequenos empreendedores em Camaragibe – PE.	A pesquisa investigou como aspectos como educação financeira, gestão de crédito, gestão de ativos e estresse financeiro impactam o desejo desses empreendedores de manter seus negócios ativos.	Concluiu que, embora a educação financeira não explique diretamente a motivação pra continuar empreendendo, ela tem um impacto positivo nesse processo. O estudo reforça a importância da qualificação e capacitação financeira como meio de fortalecer a permanência e o sucesso

Targino de Oliveira Dutra			dos micro e pequenos negócios.
Daniela Silva Braga Samara Ribeiro dos Santos	A importância da educação e gestão financeira para microempreendedores individuais	Demonstrar a importância da educação e da gestão financeira para o sucesso dos microempreendedores individuais, destacando como esses conhecimentos impactam na manutenção e crescimento dos pequenos negócios.	A falta de educação e gestão financeira compromete o desempenho dos microempreendedores. Promover esses conhecimentos é essencial para evitar falências, melhorar a organização financeira e fortalecer os negócios.
Eliana Rodrigues dos Santos Cardozo	Educação Financeira para Pequenos Empreendedores	Compreender quais ferramentas de gestão financeira são utilizadas por duas microempreendedoras da cidade de Poá – SP e como elas adquiriram esse conhecimento	O estudo concluiu que ambas utilizam as mesmas ferramentas financeiras básicas, e mesmo com formações diferentes e pouca capacitação formal na área, conseguiram manter suas empresas ativas, destacando a importância prática da educação financeira no empreendedorismo.
Halefy Matheus Leite Queiroz	Sustentabilidade Financeira: os desafios enfrentados pelos microempreendedores individuais brasileiros entre os anos de 2020 a 2024	Analisar os desafios enfrentados pelos microempreendedores individuais brasileiros para alcançar a sustentabilidade financeira entre 2020 e 2024	Os MEIs foram duramente impactados pela pandemia, mas os que adotaram estratégias como digitalização e educação financeira conseguiram se manter.
Marcos da Conceição Pereira	Empreendedorismo aliado à educação financeira de microempreendedores individuais na Paraíba.	Analisar como microempreendedores individuais dos mercados de artesanato da Paraíba utilizam a educação financeira na gestão de seus negócios.	A maioria dos MEIs não aplica adequadamente a educação financeira em seus negócios, o que compromete o controle e o crescimento das empresas.

Fonte: Produção do próprio autor. (2025)

Ao analisar diferentes trabalhos, como o de Rafaela Amaral e Samanta Baia intitulado “A Importância da Educação Financeira no Planejamento Empresarial para Microempreendedores: Estudo de caso com comerciantes de açaí” oferece uma análise profunda sobre a realidade de pequenos empreendedores, destacando a educação financeira como fator essencial para a sustentabilidade dos negócios.

A pesquisa se distancia da matemática financeira tradicional centrada em cálculos e fórmulas, e adota uma perspectiva mais abrangente, considerando a educação financeira como um campo de conhecimento que envolve não apenas lidar com números, mas também desenvolver competências gerenciais, comportamentais e estratégicas. Essa visão mais ampla reforça que, mesmo que um microempreendedor domine as operações matemáticas básicas ou saiba utilizar aplicativos de controle financeiro, isso não garante o sucesso do seu negócio se ele não tiver preparo emocional, disciplina e consciência financeira para tomar decisões acertadas.

O estudo de caso com cinco comerciantes de açaí na cidade de Abaetetuba (PA) revelou que todos os entrevistados iniciaram seus empreendimentos por necessidade, geralmente sem qualquer tipo de capacitação formal em gestão ou finanças. Isso evidencia um padrão comum entre os MEIs: negócios familiares, passados de geração em geração, que são administrados com base em práticas empíricas, sem uso de ferramentas de controle como fluxo de caixa, análise de custos ou planejamento estratégicos. Muitos deles reconhecem a importância de se capacitarem, mas não tiveram acesso a oportunidades adequadas de formação, o que os leva a tomar decisões com base na intuição ou experiência pessoal.

A pesquisa se distancia da matemática financeira tradicional centrada em cálculos e fórmulas, e adota uma perspectiva mais abrangente, considerando a educação financeira como um campo de conhecimento que envolve não apenas lidar com números, mas também desenvolver competências gerenciais, comportamentais e estratégicas. Essa visão mais ampla reforça que, mesmo que um microempreendedor domine as operações matemáticas básicas ou saiba utilizar aplicativos de controle financeiro, isso não garante o sucesso do seu negócio se ele não tiver preparo emocional, disciplina e consciência financeira para tomar decisões acertadas.

O estudo de caso com cinco comerciantes de açaí na cidade de Abaetetuba (PA) revelou que todos os entrevistados iniciaram seus empreendimentos por necessidade, geralmente sem qualquer tipo de capacitação formal em gestão ou finanças. Isso evidencia um padrão comum entre os MEIs: negócios familiares, passados de geração em geração, que são administrados com base em práticas empíricas, sem uso de ferramentas de controle como fluxo de caixa, análise de custos ou planejamento estratégicos. Muitos deles reconhecem a importância de se capacitarem, mas não tiveram acesso a oportunidades adequadas de formação, o que os leva a tomar decisões com base na intuição ou experiência pessoal.

O trabalho também destaca que conceitos básicos de finanças, como amortização, juros e fluxo de caixa, são pouco compreendidos ou aplicados de forma incorreta no dia a dia desses empreendedores. A ausência de educação financeira formal impede a adoção de estratégias eficientes de gestão, o que aumenta o risco de falência, fato comprovado por dados do SEBRAE e IBGE, que apontam altas taxas de mortalidade entre microempresas nos primeiros anos de funcionamento. Por fim, os autores concluem que a educação financeira não pode ser tratada apenas como conhecimento técnico, mas sim como habilidade essencial que fortalece a autonomia dos microempreendedores, ajudando-os a enfrentar desafios econômicos, evitar erros comuns e promover a longevidade dos seus negócios.

Dando continuidade e considerando agora o segundo trabalho intitulado “Gestão Empresarial: Um Estudo Sobre o Microempreendedor Individual do Setor de Comércio do Município de São Mateus – ES”, é possível reforçar a compreensão de que os desafios enfrentados pelos Microempreendedores Individuais (MEIs) vão muito além da execução de cálculos matemáticos ou domínio de ferramentas tecnológicas. Este trabalho aprofunda ainda mais a ideia de que a sobrevivência e o sucesso dos pequenos negócios dependem diretamente da educação financeira associada à capacidade emocional, gerencial e estratégica do empreendedor.

Os autores conduzem uma investigação detalhada sobre o perfil dos MEIs da região, revelando que muitos deles iniciam seus empreendimentos por necessidade, com pouca ou nenhuma capacitação prévia em gestão. Apesar da existência de instituições como SEBRAE, SENAC e outras organizações de apoio, boa parte dos microempreendedores demonstra desconhecimento sobre seus serviços ou simplesmente não os acessa por falta de tempo, interesse ou por não compreenderem a importância da gestão qualificada. Isso reforça a crítica central dessa análise: não adianta o empreendedor dominar cálculos financeiros se ele não tiver equilíbrio emocional, capacidade de planejamento e consciência sobre a importância de separar finanças pessoais das empresariais.

O estudo aponta, por exemplo, que muitos MEIs não conhecem ou não utilizam práticas de controle financeiro, como gestão de fluxo de caixa ou formação de preços adequados. Além disso, enfrentam dificuldades significativas em áreas como marketing e acesso a crédito, problemas que não se resolvem apenas com fórmulas matemáticas, mas sim com conhecimento aplicado e inteligência emocional para lidar com altos e baixos do mercado.

Outro ponto relevante da pesquisa é a identificação de uma demanda reprimida por capacitação, os próprios entrevistados reconhecem a necessidade de aprender mais sobre planejamento, atendimento ao cliente, vendas e estratégias digitais. Isso demonstra que há uma consciência crescente de que o sucesso empresarial exige mais do que apenas trabalho duro, exige formação continuada, visão de negócio e autoconhecimento emocional.

O trabalho intitulado “Impacto da educação financeira na motivação empreendedora de micro e pequenos empreendedores em Camaragibe – PE” apresenta uma abordagem que vai ao encontro da perspectiva de uma matemática financeira voltada para além dos cálculos, privilegiando os ramos mais humanos e comportamentais da área, especialmente a educação financeira aplicada à realidade dos MEIs.

A pesquisa se baseia na ideia de que o domínio de conhecimentos técnicos, como cálculos e ferramentas financeiras, não é suficiente para garantir a sobrevivência e o sucesso dos micro empreendimento. Isso porque, como o estudo demonstra, a forma como o empreendedor lida emocionalmente com o dinheiro, suas dívidas e seus hábitos financeiros tem forte impacto na sua motivação para continuar empreendendo. Em outras palavras, de nada adianta saber calcular taxas de juros ou utilizar aplicativos de controle financeiro se não houver um entendimento profundo sobre o valor do dinheiro, a organização pessoal e o controle emocional frente aos desafios financeiros.

A pesquisa utilizou um modelo quantitativo com 329 micro e pequenos empreendedores de Camaragibe – PE, e analisou quatro dimensões: educação financeira, gestão de crédito, gestão de ativos e estresse com eventos financeiros. O resultado mais significativo foi o a gestão de crédito, que apresentou o maior impacto na motivação para continuar empreendendo. Embora a educação financeira tenha aparecido com um peso um pouco menor, ela ainda demonstrou influência positiva relevante, mostrando que o conhecimento e os hábitos financeiros são sim, determinantes na construção da resiliência e da sustentabilidade do negócio.

Além disso, o estudo demonstra que a mistura entre finanças pessoais e empresariais ainda é uma prática comum entre os MEIs, muitas vezes por necessidade, mas também por desconhecimento. Isso reforça o argumento de que a educação financeira deve ser tratada como um pilar essencial da formação empreendedora, pois ela contribui diretamente para a separação clara entre as esferas pessoal e profissional, fator crucial para o equilíbrio das contas e para a saúde emocional do empreendedor.

O trabalho intitulado “A Importância da Educação e Gestão Financeira para Microempreendedores Individuais”, de Daniela Silva Braga e Samara Ribeiro dos Santos, apresenta uma análise aprofundada que se encaixa perfeitamente de uma matemática financeira voltada para os MEIs, mas com foco além dos cálculos e operações técnicas. Em vez de centrar-se em fórmulas financeiras, o estudo explora a dimensão educativa e comportamental da gestão financeira, evidenciando como a ausência de conhecimento e preparo emocional pode comprometer seriamente a saúde dos pequenos negócios.

A pesquisa parte da constatação de que a maioria dos microempreendedores inicia seus negócios por necessidade e não por planejamento, frequentemente sem qualquer capacitação financeira ou gerencial. Embora esses empreendedores movimentem parte significativa da economia brasileira, muitos não dominam conceitos básicos como fluxo de caixa, precificação, capital de giro ou controle de estoque. O estudo mostra que a falta de educação financeira gera efeitos diretos na desorganização, no endividamento e, muitas vezes, no fechamento precoce das empresas.

Um dos pontos centrais da análise é o entendimento de que não basta saber calcular juros ou usar planilhas e aplicativos de controle. A educação financeira deve ser compreendida como um conjunto de hábitos, atitudes e conhecimentos que permitem ao empreendedor tomar decisões conscientes, organizar sua vida financeira e planejar o futuro com inteligência emocional. O trabalho utiliza uma analogia eficaz: a gestão financeira é o “coração” da empresa, responsável por manter tudo funcionando, mas quem dá os comandos corretos é o “cérebro”, ou seja, a educação financeira. Sem essa base, os comandos podem ser equivocados, levando a empresa a sérios riscos.

Em sua conclusão, o trabalho aponta que a educação e a gestão financeira devem caminhar juntas. Enquanto a educação fornece os fundamentos e o entendimento necessário, a gestão aplica esse conhecimento na prática diária do negócio. O estudo sugere que políticas públicas, programas de capacitação e iniciativas voltadas especificamente para microempreendedores são urgentes e essenciais para que esses profissionais consigam se desenvolver, crescer e contribuir de forma mais estruturada para a economia do país.

A monografia “Educação Financeira para Pequenos Empreendedores”, é uma produção acadêmica que dialoga perfeitamente com as perspectivas de trabalhos de matemática financeira voltados para os MEIs, mas que fogem do enfoque clássico dos cálculos. Em vez disso, o estudo valoriza os ramos mais humanos e comportamentais da matemática financeira, com ênfase na educação financeira como prática de gestão, decisão e equilíbrio emocional no empreendedorismo.

O diferencial desta pesquisa é que ela mostra, com base prática, como o conhecimento técnico não garante, por si só, uma gestão financeira eficiente se o empreendedor não tiver preparo emocional, disciplina e consciência sobre a importância do controle financeiro contínuo. A autora reforça que a educação financeira não se resume a saber cortar gastos ou calcular lucros, mas envolve um conjunto de hábitos, atitudes e decisões conscientes sobre dinheiro, fundamentais para a sobrevivência e o crescimento do negócio.

Além disso, o trabalho reafirma que não basta ao microempreendedor dominar cálculos, aplicativos ou ferramentas isoladas, é preciso compreender o papel da educação financeira como instrumento de organização emocional, tomada de decisões sustentáveis e fortalecimento da autonomia empresarial. A matemática financeira, portanto, deve ser ampliada para um campo mais estratégico e comportamental, onde o conhecimento sobre finanças se traduz em ações cotidianas, consciência sobre riscos e capacidade de adaptação às mudanças do mercado.

O trabalho acadêmico “Sustentabilidade Financeira: Os Desafios Enfrentados pelos Microempreendedores Individuais Brasileiros entre os Anos de 2020 a 2024” a pesquisa se destaca ao tratar da sustentabilidade financeira dos MEIs como um fenômeno multifacetado, que envolve conhecimento, comportamento e planejamento. Em vez de focar em tópicos tradicionais da matemática financeiras, o estudo evidencia a falta de educação financeira como um dos principais entraves à gestão eficiente desses pequenos negócios. Os MEIs, como mostra o trabalho enfrentam dificuldades não apenas técnicas, mas também emocionais e estruturais, sendo incapazes de tomar decisões assertivas devido à ausência de uma base sólida de conhecimento e autocontrole financeiro.

O pesquisa enfatiza o papel da educação financeira como um alicerce para o crescimento e para a tomada de decisões conscientes, especialmente ao discutir estratégias de adaptação dos MEIs, como migração para o digital, diversificação de produtos, planejamento tributário e uso de ferramentas de gestão. O autor propõe que ações como capacitações contínuas e redes de apoio são mais eficazes do que apenas o fornecimento de crédito ou soluções técnicas isoladas.

O trabalho dialoga diretamente com a perspectiva de que a matemática financeira aplicada aos MEIs precisa ir além dos números. Ela deve incorporar educação financeira, inteligência emocional e capacidade de adaptação. O verdadeiro impacto da matemática financeira se revela quando o empreendedor sabe aplicar seus conhecimentos de forma estratégica, emocionalmente equilibrada e com visão de futuro. Sem isso, como o próprio estudo demonstra, mesmo o domínio de cálculos e ferramentas não será suficiente para garantir a sustentabilidade de um pequeno negócio.

A monografia “Empreendedorismo aliado à educação financeira de microempreendedores individuais na Paraíba” parte da constatação de que a maior parte dos microempreendedores da Paraíba entra no mercado por necessidade e não por planejamento estruturado. Os dados coletados com 40 comerciantes mostram que a maioria não possui capacitação formal em finanças, e cerca de 70% dos entrevistados nunca realizaram um curso nas áreas de administração, contabilidade ou economia. Além disso, a imensa maioria dos entrevistados (85%) não possui um profissional contábil, e 95% utilizam uma conta bancária conjunta entre pessoa física e jurídica, misturando finanças pessoais com as da empresa, um claro sinal da falta de base em educação financeira.

Esses comportamentos revelam que, mesmo quando o empreendedor utiliza algum tipo de controle financeiro (como o livro-caixa, citado por mais de 70% dos que dizem realizar controle), isso ocorre de forma superficial ou sem o embasamento necessário para gerar decisões estratégicas. Não existe um planejamento financeiro consolidado, nem clareza na gestão do capital, o que leva muitos deles a retiradas frequentes e sem critério dos recursos da empresa, onde 45% o fazem diariamente e 47,5% sem frequência definida.

O trabalho reforça, portando, que a ausência de educação financeira prejudica diretamente a saúde dos negócios, principalmente no que diz respeito à capacidade emocional de lidar com a instabilidade financeira. A falta de preparo leva muitos MEIs a improvisar, ignorar sinais de falência ou recorrer a empréstimos desnecessários, em vez de construir uma base sólida de planejamento. Mesmo ferramentas simples como separar contas ou entender o ciclo financeiro da empresa são ignoradas, o que mostra que o problema não é a ausência de acesso a cálculos ou aplicativos, mas sim de consciência e formação.

Essa pesquisa corrobora que o verdadeiro papel da matemática financeira no universo dos MEIs está no ramo da educação financeira comportamental, que permite ao empreendedor entender o valor do dinheiro, reconhecer seus limites e agir com planejamento.

A análise dos trabalhos acadêmicos revela um ponto em comum essencial, todos destacam que a sustentabilidade dos MEIs depende menos da habilidade de realizar cálculos matemáticos e mais do domínio da educação financeira em sua dimensão prática e comportamental. Os estudos demonstram que, mesmo com acesso a aplicativos e conhecimentos técnicos, muitos empreendedores enfrentam dificuldades por não saberem separar as finanças pessoais das empresariais, não terem planejamento e, principalmente, por não estarem emocionalmente preparados para lidar com os desafios financeiros do negócio.

Além disso, os trabalhadores mostram que a maioria dos MEIs empreende por necessidade e sem formação adequada, o que os leva a decisões baseadas na intuição, improviso e hábitos incorretos. A ausência de educação financeira formal compromete a gestão do negócio e aumenta os riscos de endividamento e falência. Em comum, todos os estudos apontam que uma boa base em educação financeira é o que permite ao microempreendedor tomar decisões conscientes, manter o equilíbrio emocional e garantir a sobrevivência e crescimento sustentável da sua empresa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como propósito analisar a relevância da matemática financeira básica na gestão dos Microempreendedores Individuais (MEIs), destacando sua influência na estabilidade e continuidade dos pequenos negócios. Partindo de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, foi possível compreender que, apesar da simplicidade conceitual das ferramentas financeiras, sua aplicação prática representa um diferencial significativo no desempenho dos empreendimentos de pequeno porte. Observou-se, ao longo da análise dos estudos de caso, que a maioria dos microempreendedores carece de formação técnica em gestão ou educação financeira. Essa lacuna resulta, em muitos casos, na utilização de práticas empíricas, baseadas na experiência pessoal ou em heranças familiares, sem o suporte de técnicas que poderiam contribuir para o controle financeiro mais efetivo. Fatores como a ausência de planejamento, a mistura entre finanças pessoais e empresariais, e a dificuldade de acesso ao crédito foram amplamente destacados como entraves à sustentabilidade

desses negócios.

A leitura revisada reforça que a educação financeira vai além do simples domínio de cálculos. Ela envolve habilidades comportamentais e estratégicas que auxiliam o empreendedor a compreender o fluxo de recursos, estabelecer metas realistas e tomar decisões mais assertivas. Conceitos como fluxo de caixa, capital de giro e orçamento, quando devidamente aplicados, fortalecem a estrutura interna dos empreendimentos tornando-os mais resilientes às variações do mercados.

Portanto, ficou evidente que a maioria dos MEIs ingressa na atividade empreendedora por necessidade, e não por oportunidade. Isso agrava a vulnerabilidade dessas iniciativas, que muitas vezes são iniciadas sem qualquer preparação prévia. Assim, a falta de educação financeira se manifesta não apenas na má gestão dos recursos, mas também na dificuldade de planejamento de médio e longo prazo, o que compromete o crescimento sustentável dos negócios.

Além disso, outro ponto relevante observado nos estudos é que a educação financeira não deve ser compreendida unicamente como um conhecimento técnico. Trata-se também de uma construção de hábitos e atitudes que favorecem o comportamento do empreendedor responsável. Muitos empreendedores, apesar de acessarem aplicativos de controle financeiro e ferramentas digitais, continuam enfrentando dificuldades por não possuírem a disciplina, o controle emocional e a clareza sobre a importância da organização financeira contínua. A ausência de uma educação financeira ampla e contextualizada leva à improvisação, ao endividamento e, muitas vezes, ao encerramento precoce das atividades.

Diante desse cenário, é imprescindível que sejam promovidas ações estruturadas voltadas à capacitação contínua dos microempreendedores. Políticas públicas, programas de extensão universitária e parcerias com instituições como o SEBRAE devem ser fortalecidos e adaptados à realidade desses profissionais. O ensino de matemática financeira, nesse contexto, deve ser acessível, prático e contextualizado, permitindo que os empreendedores desenvolvam competências para a gestão eficaz de seus recursos.

Portanto, conclui-se que a matemática financeira básica, quando aliada à educação financeira e emocional, representa um importante instrumento de transformação da realidade dos microempreendedores. Mais do que saber operar fórmulas ou preencher planilhas, trata-se de desenvolver uma mentalidade orientada à organização, à análise crítica e ao planejamento de longo prazo. A aplicação adequada desses conhecimentos não apenas reduz riscos, mas também amplia as chances de sucesso, crescimento e sustentabilidade dos empreendimentos. Espera-se, por fim, que este trabalho possa contribuir com futuras pesquisas, bem como servir de base para ações práticas que promovam a autonomia financeira e o fortalecimento dos pequenos negócios no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sheila Cristiane Vieira. Finanças comportamentais: quando as finanças encontram a psicologia. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: < https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/47003/1/2019_tcc_scvalmeida.pdf >. Acesso em 08 de jul. de 2025.
- BERNHEIM, D. et al. Education and saving: The long-term effects of high school financial curriculum mandates. **Journal of Public Economics**, v. 80, n. 3, p. 435-465, 1997.
- BLOG BLING. *Gestão de estoque: como controlar e otimizar seu negócio*. 2022. Disponível em: < <https://blog.bling.com.br/gestao-de-estoque-como-fazer/> >. Acesso em: 03 de jul. de 2025.
- BORIN; DONADIO. Saída para pequenos empresários está no profissionalismo. Revista Fenacon. São Paulo: **FENACON**, n. 33, set. 1998.
- BRAGA, Daniela Silva; SANTOS, Samara Ribeiro dos. A importância da educação e gestão financeira para microempreendedores individuais. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Instituto Federal Goiano, Campus Campos Belos, Campos Belos, 2022.
- BRASIL**. Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008. Altera a Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006; dispõe sobre o Simples Nacional e institui o Empreendedor Individual. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 22 dez. 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CARDOZO, Eliane Rodrigues dos Santos. Educação financeira para pequenos empreendedores. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Comercial) – Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC), São Paulo, 2021.
- CATELLI, Armando. Controladoria: Uma abordagem da Gestão Econômica GECON. 2ª Edição. São Paulo: **Atlas**, 2001.
- CONUBE. Planejamento financeiro empresarial: passo a passo para criar um do zero. 2021. Disponível em: < <https://conube.com.br/blog/planejamento-financeiro-empresarial/> >. Acesso em 01 de jul. de 2025.
- CORCINO, Kevin Ferreira et al. Impacto da educação financeira na motivação empreendedora de micro e pequenos empreendedores em Camaragibe – PE. 2022.
- FONSECA, Rafaela Amaral da; RODRIGUES, Samanta Baia de Souza. A importância da educação financeira no planejamento empresarial para microempreendedores: estudos de caso com comerciantes de açaí. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Abaetetuba, 2022.
- FREZATTI, Fábio. **Orçamento empresarial: planejamento e controle gerencial**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed., São Paulo, Atlas, 1991.
- GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12ª edição. São Paulo: Pearson
- HESPANHA, Pedro. Microempreendedorismo popular e Economia Solidária: o sentido de uma mudança. **Otra Economia**, v. 4, n. 7, 2010

KATO, Heitor Takashi. *Gestão financeira: estratégias para otimização de resultados*. São Paulo: **Saraiva**, 2012.

LOPES, Filipe Charone Tavares. Análise da Figura do Microempreendedor Individual (MEI) nas Leis Complementar Nº 123/06 e 128/08. *Revista Contábil & Jurídica*, v. 1, n. 1, 2012

MEI geram ganho adicional na economia de até R\$ 69,5 bilhões, 2023. Disponível em: < <https://agenciasebrae.com.br/dados/mei-geram-ganho-adicional-na-economia-de-ate-r-695-bilhoes/> >. Acesso em 23 de set. de 2023.

MEI representa: A importância do microempreendedor no cenário político, 2022. Disponível em: < <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/mei-representa-a-importancia-do-microempreendedor-no-cenario-politico,f5e2b51d50614810VgnVCM100000d701210aRCRD> >. Acesso em 23 de set. de 2023.

NEON. Capital de giro MEI: o que é e como fazer sua gestão?. 2024. Disponível em: < <https://neon.com.br/aprenda/mei/capital-de-giro-mei/> >. Acesso em 03 de jul. de 2025.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Princípios sobre educação financeira: relatório recomendado pela OCDE. Paris: OCDE, 2005.

PADOVEZE, Clovis Luis; TARANTO, Fernando Cesar. Orçamentário empresarial: novos conceitos e técnicas. São Paulo: **Pearson Education**, 2009.

PEREIRA, Marcos da Conceição. Empreendedorismo aliado à educação financeira de microempreendedores individuais na Paraíba. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2023. Prentice Hall, 2010.

QUEIROZ, Halefy Matheus Leite. Sustentabilidade financeira: os desafios enfrentados pelos microempreendedores individuais brasileiros entre os anos d 2020 a 2024. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS, Campus Augustinópolis, Augustinópolis, 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: **Atlas**, 1999.

ROSS, S.; WESTERFIELD R. W.; JAFFE, J. F. Administração financeira: corporate finance. 2. ed. São Paulo: **Atlas**, 2008.

Saiba quais são as atividades do MEI e em quais setores e funções ele pode atuar! Disponível em: < <https://www.idinheiro.com.br/negocios/atividades-mei/> >. Acesso em 03 de jul. de 2025.

SAMPAIO, Renata Fonseca; MANCINI, Márcia Cristina. Estudo de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **SciELO Brasil (Scientific Electronic Library Online)**. 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vvk3syHhnSqY7VsB6jG/?lang=pt> >. Acesso em 03 de jul. de 2025.

SANTOS, Jefferson Dias; FREITAS, Ricardo Costa. O “Microempreendedorismo Individual” – um passo positivo para a economia brasileira. s.d. SEBRAE/NA. Participação das micro e pequenas empresas na economia brasileira. Brasília.

SEBRAE/SP. Pesquisa de Causa Mortis: o sucesso e o fracasso das empresas nos primeiros cinco anos de vida. São Paulo, 2014. Disponível em: < https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/SP/Anexos/causa_mortis_2014.pdf >. Acesso em 12 de out. de 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2018.

SILVA, José Geraldo Ferreira da; ANDRADE, Vivian Hannah Mota de. Gestão empresarial: um estudo sobre o microempreendedor individual do setor de comércio do município de São Mateus – ES. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 59-84, maio/ago. 2021.

SILVA, José Pereira. Gestão financeira: teoria e prática. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2011.

TEIXEIRA, Adriano Rodrigues. Matemática financeira: conceitos e aplicações. Ponta Grossa – PR: **Atena**, 2023

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZDANOWICZ, José Eduardo. Planejamento financeiro e orçamento. Porto Alegre: **Sagra Luzzato**, 2001